

Vida e obra de Manuel Valadares

LIDIA SALGUEIRO

Laboratório de Física, Faculdade de Ciências, Lisboa

Manuel José Nogueira Valadares nasceu em Lisboa, em 26 de Fevereiro de 1904. Após ter-se licenciado em Ciências Físico-Químicas, na Faculdade de Ciências de Lisboa, foi professor do Liceu Pedro Nunes e Assistente do Instituto Português de Oncologia. Contratado como assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1927, dedicou-se, exclusivamente, ao ensino e à investigação científica. Desde muito jovem se interessou pela pesquisa científica.

Em resposta aos que pretendiam não ser possível fazer investigação em Portugal, escreveu num artigo dedicado à memória do Prof. A. Cyrillo Soares:

... O mais corrente desses convencionais aforismos é o de que o país é pobre (conviria perguntar se o facto é compatível com boa administração), e de que, por consequência, não tem meios que lhe permitam o luxo de fazer investigação científica. A esta pretensa lógica poder-se-ia opôr aquela afirmação de um estadista indiano que, há pouco, dizia, em resposta a uma afirmativa semelhante: — é precisamente porque a Índia é um país pobre que ela precisa de fazer investigação científica; a investigação é, talvez, um luxo num país como os Estados Unidos da América mas, num país atrasado como o nosso é um artigo de primeira necessidade — ...

No período decorrente de Novembro de 1929 a Julho de 1930 estagiou no Instituto de Rádio de Genève. Realizou o seu doutoramento em Paris, onde permaneceu de 1930 a 1933, sob a direcção de M^{me}. Pierre Curie, com uma tese intitulada «Contribution à la spectrographie, par diffraction cristalline, du rayonnement», e obteve a menção «très honorable».

Frequentou, em Paris, o Instituto Mainini para investigação de obras de arte do Museu do Louvre. Fundou no Museu das Janelas Verdes, em Lisboa, em colaboração com o Dr. João Couto, um laboratório para a investigação de obras de arte, tendo orientado investigadores nesse domínio.

Em 1939 foi-lhe concedido o prémio Artur Malheiros (Ciências Físico-Químicas) pela realização de um trabalho intitulado «Análise por espectrografia de raios X, de transmutações naturais e provocadas».

No ano seguinte foi para Itália, onde permaneceu 14 meses no Instituto de Volta (Pavia) e no Laboratório de Física do Instituto de Saúde Pública.

Em 1940 criou-se oficialmente o Centro de Estudos de Física, anexo ao Laboratório de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa. Deste Centro foi nomeado Director o Prof. Cyrillo Soares, que, embora não fosse um investigador, realizou uma obra notável pela orientação imprimida à investigação científica.

Os dois ramos de Física em que no Centro de Estudos, M. Valadares trabalhou e orientou investigadores foram a Física Nuclear e a Espectrometria de Radiação X; sob a sua direcção alguns assistentes adquiriram o grau de Doutor, tendo trabalhado no mesmo domínio um assistente da Universidade de Madrid.

Apenas em 1942 lhe foi concedida a equivalência ao grau de Doutor pelas universidades portuguesas. Nesse ano o Prof. Ruy Luís Gomes interessou-se para que ele fosse contratado professor catedrático da Faculdade de Ciências do Porto. Extraímos, com a devida autorização, uma parte da resposta enviada por M. Valadares a uma carta, nesse sentido, do referido Professor:

... Quando em princípios de 1934 regresssei a Portugal após o meu estágio no Lab. Curie, voltei com a convicção de que era preciso criar entre nós a investigação científica no domínio da Física. Ela nunca tinha existido entre nós, à parte alguns casos esporádicos realizados mais com o objectivo de satisfazer imposições legais do que como consequência de um desejo, de uma necessidade cultural. E não vai nesta afirmação agravo algum para aqueles que, em Portugal, têm ocupado as cátedras das nossas universidades; vai a verificação de um facto cujas causas determinantes seria longo, mas não seria difícil de enumerar e que muitas vezes até certo ponto terá sido do desagrado daqueles que em tal situação viveram.

Voltando ao País com esta convicção de que me deveria entregar à obra de criar, ou contribuir para criar um Centro de Investigação em Física, estava naturalmente indicado fazê-lo na escola onde era assistente. Aqui não havia, de facto, material algum que servisse para trabalhar no domínio onde eu me especializara, nem quase havia lugar para trabalhar. Eu já vinha, aliás, preparado para me deparar em tal situação e não sofri por isso desânimo algum; era preciso começar-se fôsse em que condições fôsse: começou-se. Basta dizer-lhe que a primeira instalação que montei foi toda (à exclusão duma velha bobina que tinha sido pertença do Colégio de Padres de Campolide...) com material emprestado. Alguns meses depois desta instalação estar a funcionar alguém me sugeria a possibilidade de ir como professor auxiliar para Coimbra; recusei: tinha encetado uma obra e queria levá-la ao fim. O trabalho foi prosseguindo com o apoio de algumas boas vontades e a hostilidade mais ou menos disfarçada de outros.

Um conjunto feliz de circunstâncias deu-nos alojamento com espaço suficiente, pelo menos, para os primeiros tempos. Este facto vinha-nos

animar para melhorar as instalações já existentes, para montar outras, para prosseguir na obra de que em 1934 tínhamos delineado o esquema geral e que através de todas as dificuldades íamos realizando.

Desde 1934 que eu tinha tomado a resolução de me dedicar exclusivamente às funções docentes, impostas pelo meu lugar de assistente, e à investigação, nesta incluindo naturalmente a formação de novos investigadores. Nem sempre a minha situação económica foi de molde a encorajar a resolução tomada; se em certos períodos o meu ordenado de assistente e a bolsa que o I.A.C. me dava permitiam viver sem preocupações económicas, outros houve em que, reduzido só aos vencimentos da Faculdade, a situação financeira não era de molde a criar o estado de espírito necessário para prosseguir na tarefa encetada. Foi numa destas ocasiões, por 1937, 38, que um membro do I.A.C. me propôs encetar diligências para eu ir, como professor contratado, para o Porto por nessa ocasião o Prof. Sousa Pinto estar ocupado em missão de serviço. Como já fizera alguns anos antes, e apesar de todas as dificuldades e contrariedades que tinha conhecido nesse espaço de tempo, recusei. Tinha-se imposto à consciência a convicção de que o dinheiro que o País gastara comigo enviando-me ao estrangeiro, não ficava compensado se eu acabasse por ser simplesmente um professor de física numa terra onde, aliás, tinha havido e havia tantos professores de física; essa verba que a nação gastara comigo, enviando-me a especializar exigia que eu fosse um investigador e que contribuisse para criar a investigação no domínio da física entre nós, porque isso é que não tinha existido nem existia na nossa terra.

A pouco e pouco foi surgindo o rendimento do esforço dispendido; era um rendimento certamente modesto, muito reduzido se o compararmos ao esforço que tinha sido necessário realizar para o obter, mas era um resultado honesto, com carácter perfeitamente internacional. Ao mesmo tempo ia-se despertando o interesse noutras pessoas pela investigação científica e assim se iam formando camaradas mais novos cujo auxílio era precioso.

... Vejamos agora qual a situação actual do Centro. Em primeiro lugar há que destacar a boa vontade que a Direcção do I.A.C. evidenciou criando, como era nosso desejo há muito tempo, a situação de investigador. Este facto veio dar um novo alento a todos os que aqui trabalham e a meu ver este ano que se aproxima vai ser crucial para a vida do Centro. Pessoalmente tenho a meu cargo a direcção dos seguintes trabalhos: espectrografia de raios X (F. Mendes e dois espanhóis, assistentes da Universidade de Madrid, que para aqui virão, em Novembro ou Dezembro), espectrografia de radiação Υ (Lídia Salgueiro), espectrografia de radiação β (Carlos Braga) e ainda acompanhar nos primeiros passos dois jovens licenciados que para o ano começarão a trabalhar no Centro. A minha partida, neste momento, representaria possivelmente um atraso no prosseguimento de todos estes trabalhos, atraso tanto mais sério, que alguns deles se destinam a actos de doutoramento, e diminuiria certamente o rendimento geral do Centro.

... *Aqui estão, caro Prof. Ruy Gomes, as razões que me impedem de sair de Lisboa nesta ocasião.* ...

Poucas pessoas teriam a coragem de sacrificar a sua carreira universitária, pelas razões expostas por M. Valadares.

Tendo-se verificado a vantagem de existir uma revista destinada à publicação de trabalhos originais de investigação, em Física, deu a sua contribuição para a criação, em 1943, da revista *Portugaliae Physica*.

Com o seu entusiasmo contribuiu também para a fundação da revista *Gazeta de Física*, destinada à divulgação da Física.

Expositor brilhante, realizou numerosas conferências e seminários.

Em 1944 apresentou uma tese intitulada «O núcleo atómico e os espectros de riscas de raios X», para concurso a professor extraordinário de Física; estas provas nunca se chegaram a realizar.

Tem sido um defensor de tudo o que considera justo sem nunca se ter preocupado com as repercussões que daí viessem para a sua carreira científica. O jornal «Diário da Manhã» em 29 de Outubro de 1945 publicou um artigo intitulado «Algumas vítimas da opressão, da incultura, da má administração e do retrocesso», de que extraímos uma parte:

«... Agora se vê melhor, — mas isso não quer dizer que toda a gente o não tivesse notado logo — que muitos democratas de qualidade respiram com dificuldade a atmosfera portuguesa e, por isso se tentaram a procurar outro ambiente, mal a coisa lhes pareceu facilitada com as liberdades espontaneamente oferecidas pelo Governo da Nação.

Muitos destes democratas de qualidade, porém houve tempo em que não eram senão uns rapazinhos esperançosos a findarem uns cursos laboriosamente prosseguidos e às vezes superando dificuldades económicas, que se outros tiveram que vencer também, em todo o caso, era razão para conquistarem simpatias e protecções.

Foi quando, já com as suas finanças mais folgadas, graças aos primeiros resultados da administração financeira de Salazar, o Estado, criou a Junta de Educação Nacional, que mais tarde tomaria o nome de Instituto para a Alta Cultura.

Um dos fins do novo organismo era como depois se há-de explicar, o de deitar a mão a esses rapazinhos esperançosos ajudá-los a realizar as suas aspirações, arrancá-los à vida medíocre em que vegetavam, levando-os para Centros de Investigação e cultura mais reputados do mundo, facilitando-lhes a aquisição de técnicas novas ou não existentes entre nós ou o aperfeiçoamento das que já se ensinassem nas escolas superiores portuguesas.

Em suma: desejou-se efectivamente, fazer deles homens de qualidade para serviço da Nação — sem pensar que nos poderiam muito bem sair democratas de qualidade para uso de um partido. Colocámo-nos, repete-se, no plano nacional: eles já estavam, seguramente, num plano de partido. Nós procurámos unificar pensando que todos não seríamos demais; eles dispunham-se já para partir...».

Seguia-se uma lista com os nomes de alguns investigadores que

havia sido bolsheiros no estrangeiro, bem como da verba que «tinham custado ao País»; da Faculdade de Ciências de Lisboa figuravam nessa lista Francisco Mendes, Amaro Monteiro, Manuel Valadares (demitido em 1947) e Aurélio Marques da Silva (demitido em 1947).

Faziam-se ainda considerações sobre algumas das pessoas que constavam da referida lista, entre os quais o matemático António de Aniceto Monteiro.

M. Valadares reagiu imediatamente a estas referências sobre António Monteiro numa carta que dirigiu àquele jornal e que transcrevemos; ignoramos se foi publicada.

«Exmo. Senhor Director do Jornal «Diário da Manhã»

No número de anteontem do jornal que V. Ex.^a dirige encontram-se: sob o título «Algumas vítimas da opressão, da incultura, da má administração e do retrocesso em matéria educativa...» as seguintes afirmações:

«António Aniceto Monteiro nem sequer chegou, no seu regresso, a dar aulas da sua especialidade. Finalmente partiu para o Brasil, onde é professor. E diz que sabe da sua poda: — o País, todavia, não sabia quanto lhe custou a preparação dum matemático... para uso externo».

Para completa elucidação dos leitores do Jornal «Diário da Manhã» peço a V. Ex.^a se digne publicar o que se segue:

António Aniceto Monteiro partiu para Paris, como bolsheiro da Junta de Educação Nacional, em 1930. Aí, após ter suprido as deficiências de preparação com que tinha saído da nossa Universidade, realizou trabalhos de investigação que lhe permitiram obter o título de doutor pela Faculdade de Ciências de Paris. Além desta prova do valor dos seus trabalhos existem certamente nos arquivos da Junta, hoje Instituto para a Alta Cultura, as informações dos professores com que António Monteiro lidou a atestarem as suas qualidades de trabalho e inteligência. Suponho mesmo que o nome de António Monteiro é o único nome de matemático português que o volume, consagrado à matemática, da Enciclopédia francesa cita.

Regressado ao País e mau grado o valor dos trabalhos que realizara no estrangeiro não encontrou lugar no corpo docente de nenhuma das três Faculdades de Ciências do País. Passou então a viver com uma modestíssima bolsa que o I.A.C. lhe concedeu; passados alguns meses exigiram-lhe, para poder continuar a ser bolsheiro, a assinatura de um compromisso político — que pessoa alguma lhe havia imposto ao enviá-lo para o estrangeiro. Tendo-se recusado a assinar um compromisso que repugnava à sua consciência deixou de ser bolsheiro e a sua vida e a dos seus decorreu daí em diante em condições de dificuldade económica que, por vezes, roçaram pela miséria. Pois bem, apesar de não pertencer à Universidade nem ao I.A.C., apesar das condições difíceis da sua vida, esse homem realizou, no período que decorre desde a sua vinda do estrangeiro até à sua partida para o Brasil, uma obra cultural no campo das matemáticas que não teme paralelo com a de qualquer outro português.

Fundou e dirigiu as revistas «Portugaliæ Mathematica» e «Gazeta de Matemática»; a seu pedido foi fundado e sob a sua orientação funcionou o Centro de Estudos de Matemática, anexo à Faculdade de Ciências de Lisboa, onde, entre uma obra vasta, convém salientar aquela que realizou da formação de novos investigadores; efectuou, em escolas superiores portuguesas cinco cursos extra universitários; deu uma contribuição apreciável para os trabalhos do Centro de Estudos Matemáticos da Universidade do Porto; organizou e dirigiu os serviços de inventariação da bibliografia científica existente no País; dirigiu dois seminários de matemática um em Lisboa, outro no Porto; fundou, com os Professores Aureliano Mira Fernandes e Ruy Luís Gomes a Junta de Investigação Matemática; publicou dois livros de matemática e alguns fascículos da série «Topologia» editada pelo Centro de Matemática do Porto; finalmente realizou numerosos trabalhos de investigação científica.

Foi certamente o conhecimento desta obra vastíssima de investigador e de impulsionador, realizada aliás nas piores condições, que levou os Professores Einstein e von Neumann a sugerirem à Universidade do Rio de Janeiro a vantagem que esta teria em contar no seu corpo docente um tal homem. António Monteiro partiu nos primeiros meses deste ano para o Rio e aí rege hoje o curso de Análise Superior e dirige o Seminário de investigação matemática.

Aqui estão, Senhor Director, as informações — ainda que sucintas — que me parecem permitirão aos leitores do Jornal que V. Ex.^a dirige, formarem uma ideia mais objectiva do caso António Monteiro.

Não sei o que ao findar a leitura destas linhas eles pensarão, mas creio que todos os portugueses que ponham os interesses da Nação acima dos interesses de partido ou pessoais ambicionarão — como eu — que ao terminar o prazo do seu contrato de Professor no Rio de Janeiro, António Monteiro possa regressar ao País para aqui ocupar, no ensino e na investigação matemática, o lugar de primacial relevo a que lhe dá jus o somatório invulgar das suas qualidades de iniciativa, de inteligência, de saber e de carácter.

Pela publicação destas linhas ficar-lhe-ei muito obrigado.

Apesar de já nessa época ser um investigador com projecção internacional nunca este facto o levou a manifestar qualquer espécie de superioridade no trato com as pessoas que com ele trabalhavam. O ambiente do Laboratório de Física era de franca camaradagem, como podem testemunhar as pessoas que frequentavam o Laboratório, embora dedicando-se a outros ramos do saber.

Em Junho de 1947 o «Diário do Governo» publicou uma deliberação do Conselho de Ministros, demitindo ou aposentando vários professores, tendo sido rescindidos os contratos a alguns assistentes. A secção de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa viu-se privada de três dos seus elementos mais prometedores: A. Marques da Silva, A. Gilbert e M. Valadares. Estas demissões constituíram um rude golpe para o Director

do Laboratório, Prof. Cyrillo Soares. Da sua reacção, perante este facto, transcrevemos parte de um artigo de M. Valadares, publicado na «Gazeta de Física», num número dedicado àquele professor:

«... O Prof. Cyrillo Soares, embora com a saúde já bastante abalada, partiu para o Conselho da Faculdade absolutamente disposto a lutar para que o Conselho protestasse contra uma decisão, que o privava de alguns colaboradores que ele tinha criado e em que depositava as melhores esperanças para que fossem os continuadores da sua obra. Esperava-o uma última desilusão. Temera, é certo, deparar-se perante um Conselho indiferente; encontrou um Conselho satisfeito com o que se acabava de passar. Tão satisfeito que havia de resolver limitar toda a sua actuação a um muito vago apelo ao Conselho de Ministros para que este examinasse os possíveis recursos que, da decisão tomada, viessem a ser interpostos. ...»

Ignoramos também qual o destino que o Conselho da Faculdade deu a uma exposição apresentada por grande parte dos assistentes da Faculdade, protestando violentamente contra as referidas demissões.

M. Valadares dirigiu então ao Presidente do Conselho e Conselho de Ministros uma alegação de que damos um extracto:

... no «Diário do Governo, 1.ª série, de 18 do corrente foi publicada uma decisão do Conselho de Ministros, mandando afastar do exercício de funções docentes, com cessação de quaisquer outras funções públicas, 21 professores e assistentes universitários.

Essa mesma deliberação, oficialmente tomada apenas ao abrigo do Decreto Lei n.º 25 317, de 15 de Maio de 1935, ao ser tornada pública, dias antes nos jornais de 15 de Junho, viera acompanhada de uma extensa nota oficiosa, em que parece ter o Conselho de Ministros querido definir e justificar as penas impostas e as deliberações tomadas.

Mas é precisamente o facto da deliberação que mandou rescindir o contrato ao abrigo do qual o signatário exercia as suas funções, ter vindo a lume, pública e largamente difundida acompanhada da nota oficiosa referida, que força o signatário a vir perante V. Ex.^{as} esclarecer a sua, e a vossa posição.

Na verdade :—

1.— Embora a nota oficiosa o não afirme claramente, pode deixar na opinião pública a dúvida sobre se teria sido a descoberta de um arquivo de uma possível conjura militar que levou ao afastamento dos 21 professores e assistentes;

2.— Não foram apresentadas quaisquer provas de que cada um dos referidos professores, ostensiva ou veladamente, animava uma agitação académica;

3. — Não foram apresentadas quaisquer provas de que cada um dos reeferidos professores menosprezava o exercício do seu múnus docente em benefício de qualquer apostolado ideológico;

4. — Não foram apresentadas quaisquer provas de que cada um dos referidos professores se salientasse pela prática de actos sediciosos, e não foi dito em que consistiam tais actos.

... Ora — e enèrgicamente — o signatário repudia os termos da nota officiosa, na medida em que permite, como permite, a dúvida enunciada no N.º 1, dos períodos atrás enumerados. E considera, quanto à matéria dos restantes números, ser seu dever exigir do Governo que apresente provas dos actos que pareceu querer atribuir aos Professores visados e, consequentemente, ao signatário que deles fazia parte.

O signatário pode afirmar estar certo da inexistência de quaisquer provas reais, que lhe permitissem a imputação de qualquer dos factos, lamentavelmente baralhados na nota officiosa, e que, nos termos desta, poderiam fazer crer à opinião pública, que teriam sido as razões determinantes do afastamento dos 21 professores e assistentes.

O signatário nunca se aproveitou do exercício das suas funções, para fins diferentes do próprio Ensino e da Cultura, que, por meio daquele, era o seu único objectivo.

Pode afirmá-lo desassombradamente, e fazer a declaração comprovada de que, no exercício de tais funções, foi apenas, e apenas quis ser Professor e não consentindo sequer, pela sua própria dignidade, que se lhe afirme coisa contrária.

É certo que se a decisão que levou o signatário ao afastamento do exercício de funções públicas não houvesse, como já foi dito, sido precedida, nos jornais, da confusa nota officiosa que atrás está referida, o signatário não se sentiria na obrigação moral, como sente, de elaborar o seu presente requerimento.

Aceitaria a medida pelo que ela em si mesmo valeria, como acto intimidativo, tendente à punição, não de actos, mas de ideias, como uma demonstração de Força, não como acto de Razão.

Mas em face dos termos da nota officiosa, que por este requerimento vem expressamente repudiar, o signatário, com a serenidade que lhe dá a certeza do seu Direito, e a firmeza que lhe transmite o conhecimento da sua Razão, declara que só na medida em que o Conselho de Ministros o pudesse convencer da exactidão das afirmações contidas na nota officiosa, aceitaria como boa a decisão tomada.

Aceitá-la-ia ainda, se o Conselho de Ministros, em acto prévio, e em elementar respeito dos preceitos legais, reguladores do direito de defesa mesmo em processos disciplinares, o houvesse antecipadamente ouvido e convencido.

Assim, limita-se o signatário, com a mesma tranquila serenidade de quem não errou, e de quem sabe haver sido injustamente agravado, afir-

mar ao Conselho de Ministros — e, mais do que a este — à própria Nação, que a todos, afinal, ao signatário e ao Conselho julga, pelo menos em consciência, que não será a deliberação pelo Conselho tomada, que o impedirá de continuar a dedicar à sua Pátria, e à Ciência os melhores dos seus esforços...»

Sabemos que, como única resposta, lhe foi enviada, da Presidência do Conselho, uma declaração de que «não era de considerar a referida alegação». Tendo tido conhecimento da sua demissão, M^{me}. Irène Joliot-Curie convidou-o para ir para Paris ocupar o cargo de «Chargé de recherches». Até à sua partida, em Novembro de 1947, orientou o trabalho de vários investigadores, tendo alguns realizado o seu doutoramento em Portugal; contam-se entre estes, dois assistentes da Universidade do Porto.

Até essa data publicou trabalhos de divulgação e de investigação com referências em revistas da especialidade e livros de texto. Publicou ainda dois livros intitulados: «Transmutation des éléments par des particules accélérées artificiellement (1935) e «Elementos de Física Atómica» (1947).

Uma das suas preocupações no estrangeiro foi a de que o Centro de Estudos de Física não desaparecesse e que se continuasse a trabalhar de acordo com as linhas gerais de investigação iniciadas, embora, evidentemente, devessem ser alargadas e até criadas outras.

Entretanto o Prof. Cyrillo Soares, desgostoso, pedira a sua aposentação, deixando assim a direcção do Centro; foi convidado para o substituir o Prof. Júlio Palácios, catedrático da Universidade de Madrid, que durante oito anos ensinou na Faculdade de Ciências. Este Professor dedicava-se a estudos de Electroquímica, pelo que os subsídios concedidos pelo I.A.C. se destinavam fundamentalmente ao referido domínio de investigação. Este facto poderia contribuir para que a pesquisa em Espectrometria de raios X e Física Nuclear, não pudesse prosseguir, tanto mais que aos bolseiros que trabalhavam no Centro em 1947 foram retiradas as boisas de estudo. No entanto, M. Valadares, mesmo afastado de Portugal, nunca cessou de dar a sua colaboração aos poucos que cá ficaram, o que permitiu que a sua obra não morresse. Outros investigadores vieram trabalhar nos mesmos domínios; por vezes alguns se deslocaram a França para discutir com ele os trabalhos em curso e obter sugestões úteis para a continuação das suas pesquisas.

A actividade do Centro de Estudos de Física até 1963 foi descrita na revista «Ciência». Vê-se, que desde 1947 até essa data, se realizaram dois doutoramentos em espectrometria de raios X; um destes doutoramentos foi de uma assistente da Universidade do Porto que veio trabalhar para o Centro de Estudos de Física da Faculdade de Ciências. Em 1963 foi apresentada uma tese, em Física Nuclear, por uma assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa cujo doutoramento se efectuou em 1964.

No Centro de Estudos de Física embora se continue a investigar nos domínios já referidos, existem actualmente outros campos de pesquisa, em alguns dos quais se têm realizado doutoramentos.

Em Agosto de 1948, Manuel Valadares foi nomeado *Maître de recherches* e, em Janeiro de 1956, subdirector do «Laboratoire de l'Aimant Permanent», e ascendeu a *Directeur de recherches* em Agosto de 1957. Após o falecimento de S. Rosenblum, Director do «Laboratoire de l'Aimant Permanent», de quem tinha sido amigo e colaborador, foi designado para lhe suceder, em 1959. Em 1962, o referido Laboratório transformou-se em «Centre de Spéctrométrie Nucléaire et de Spéctrométrie de Masse», mantendo, no entanto, o mesmo director.

O Consul de Portugal em França recusou-se em 1966 a renovar-lhe o passaporte, alegando que recebera essa ordem de Lisboa; a referida ordem era extensiva a sua mulher e filho. Os passaportes só poderiam ser renovados para entrar em Portugal. Por essa razão M. Valadares solicitou a naturalização francesa. Acerca desse pedido, o Prof. J. Teillac, Director do «Institut de Physique Nucléaire et de Physique des Particules» fez a seguinte alegação:

«Monsieur M. Valadares m'a informé de la demande qu'il introduit en vue de sa naturalisation. J'appuie vivement cette demande. Elle me paraît hautement justifiée sur le plan scientifique comme sur le plan humain.

Sur le plan scientifique les travaux personnels de M. Valadares lui ont acquis une réputation internationale de premier plan; mais à ces qualités de savant, il faut ajouter celles d'un maître: M. Valadares est en France depuis de longues années et de nombreux physiciens lui doivent leur formation de Laboratoire. J'ai personnellement bénéficié de ses conseils à de nombreuses reprises depuis mes débuts dans la recherche.

Ses compétences ont été reconnues par les responsabilités qui lui ont été confiées comme Directeur de Recherches, Directeur du Centre de Spéctrométrie Nucléaire et Spéctrométrie de Masse et comme membre élu du Comité National de la Recherche Scientifique.

Sur le plain humain, M. Valadares est un homme d'une haute probité intellectuelle, d'une grande simplicité, sachant d'attacher l'amitié de ses collaborateurs par sa franchise et sa bienveillante compréhension. Je puis également témoigner de l'aide amicale et féconde qu'il a su apporter à son prédécesseur S. Rosenblum comme sous-directeur du Laboratoire de l'Aiment Permanent.

M. Valadares a toujours montré un très grand attachement à la France dont il possède parfaitement la culture. La naturalisation qu'il demande reconnaîtrait les éminents services qu'il a déjà rendu à notre pays et j'en suis convaincu réjouirait les scientifiques français.

A Academia de Ciências de Paris conferiu-lhe, em 1966, o prémio Lacase de Física, pelas suas investigações em espectrometria de radiação alfa.

Em 1968 pediu a sua demissão de Director do Centro de Espectrometria Nuclear e de Espectrometria de Massa. A este pedido, P. Jacquinet, ao tempo Director-Geral do Centre National de Recherche Scientifique, respondeu do modo seguinte:

Monsieur le Directeur

Par lettre du 8 de Juillet, vous m'avez fait part de votre décision définitive d'être remplacé dans vos fonctions de Directeur du Centre de Spectrometrie Nucléaire et de Spéctrométrie de Masse.

Je regrette très vivement votre décision, mais je comprends les raisons qui l'ont motivée, et je connais parfaitement l'attachement profond que vous avez pour ce Laboratoire, dont le développement vous doit tant.

Comme vous le proposez, je souhaite que vous continuez d'assumer vos fonctions jusqu'à la nomination de votre successeur, qui pourrait intervenir la fin de l'année 1968.

En vous adressant tous les remerciements du Centre National de la Recherche Scientifique pour votre longue action si fructueuse à la tête du Centre de Spectrometrie Nucléaire et de Spéctrométrie de Masse, je vous prie de croire, Monsieur le Directeur, à mes sentiments les meilleurs».

Em Junho de 1949 foi nomeado pelo Directoire du G.N.R.S., «Directeur Honoraire du Centre de Spéctrométrie Nucléaire et de Spéctrométrie de Masse».

Depois de 1947, data em que saiu de Portugal, publicou 46 trabalhos científicos e vários artigos de divulgação e comemorativos. Alguns daqueles trabalhos tiveram projecção internacional.

Apesar do seu triunfo científico, de uma coisa estou certa: nada lhe será mais grato do que saber que os Centros de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa de que foi o grande iniciador, têm hoje jovens investigadores em vários ramos da Física, e outros que, no estrangeiro, se preparam para no seu regresso poderem contribuir para o desenvolvimento da Física em Portugal.

(¹) — M. VALADARES, *Gazeta de Física*, vol. II, pág. 93, 1950.

(²) — J. GOMES FERREIRA. *Ciência*, 1963.

(³) — *Anuário do Laboratório de Física*. Faculdade de Ciências de Lisboa, 1971/72.